
Vida e morte do jornalismo impresso em O Estado do Maranhão: a história oral e documental da transformação do impresso ao online¹

Adriano Silva SOARES²

Anne Beatriz de Sousa CASCAES³

Patrícia Rakel de Castro SENA⁴

Universidade Federal do Maranhão – UFMA, São Luís, MA

RESUMO

Este trabalho tem por objetivo recontar e analisar a história do jornal O Estado do Maranhão, por ser um dos maiores (número de tiragem) e mais tradicionais (em tempo de fundação) veículo impresso ainda em circulação no Maranhão. Além disso, relaciona-se essa história com o processo estrutural de mudança para o jornalismo factual que se faz agora online. Por meio de coleta, análise, organização e estruturação de dados coletados, a partir da técnica de História oral, faz-se conhecida a história e o presente dos processos de produção, codificação e distribuição de produtos noticiosos impressos/online numa relação de escala local – global. Para se alcançar metodologicamente os objetivos deste estudo, propõe-se como técnica complementar a pesquisa documental, para traçar um paralelo entre o testemunho das pessoas que vivenciaram *in loco* e o que os documentos registram sobre a história do jornalismo impresso (e sua mudança para o online) no Estado do Maranhão.

PALAVRAS-CHAVE: História Oral; Jornalismo impresso; Jornalismo online; Transição; O Estado do Maranhão.

Introdução: a transição do impresso para o online a partir da perspectiva da História oral

Entender o processo de construção histórica da mídia pode representar um indício forte para uma compreensão e apropriação mais ampla do jornalismo que se faz na atualidade, especialmente quando este é relacionado numa às escalas locais – nacionais - globais.

1 Trabalho apresentado na IJ 1 – Jornalismo do XXI Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste, realizado de 30 de maio a 1 de junho de 2019.

2 Graduado em Jornalismo pela Universidade CEUMA e atual repórter do Portal Imirante.com. São Luís (MA). E-mail: adrianosoaresdt@gmail.com.

3 Estudante do 5º período do curso de Comunicação Social – Jornalismo, da Universidade Ceuma. São Luís (MA). E-mail: anne_cascaes@hotmail.com.

4 Doutora em Comunicação (UFPE) e em Ciência da Comunicação (UBI). Orientadora e Professora adjunta do Departamento de Comunicação Social, da Universidade Federal do Maranhão (UFMA). São Luís (MA). E-mail: rakeldecastro@gmail.com.

Douglas Kellner (2002) afirma que numa cultura contemporânea denominada pela mídia, os meios de informação e entretenimento são uma fonte profunda e muitas vezes não percebidas de pedagogia cultural: contribuem para nos ensinar como nos comportar e o que pensar e sentir, em que acreditar, o que temer e desejar – e o que não.

Considerando assim a relevância da mídia em forjar nosso cotidiano, aqui pretende-se recontar e analisar a história do jornal O Estado do Maranhão. Com essa análise, é compreendida as rotinas produtivas que se estabeleceram e que agora se estabelecem no jornalismo local do Maranhão, mas que se faz nacional – global em face a sua transição para as plataformas digitais e em rede. Além disso, é analisado a produção de sentidos e as possíveis práticas sociais no campo da comunicação a partir da mudança do jornalismo impresso para o jornalismo online.

Essa análise mapeia historicamente os processos de produção de conteúdo noticioso em Pirâmide Invertida que subsiste no jornalismo maranhense (mesmo em suas mudanças de plataformas e necessidade de novas linguagens) e sua transposição, adaptação e transformação para o jornalismo online (a partir do qual se impõe enquanto pirâmide deitada).

Por meio de coleta, análises, organização e estruturação dos dados coletados em técnica de contação de História oral, é possível conhecer os processos de produção, codificação e distribuição de produtos noticioso impresso em uma relação de escala local – global, no jornal O Estado do Maranhão.

Dessa maneira, é possível identificar, a partir de uma amostragem, como nasceu uma significativa parte do jornalismo impresso no Estado do Maranhão e qual o papel de O Estado para a consolidação desse processo. É importante destacar a análise da produção de sentidos e as possíveis práticas sociais no campo da comunicação a partir de mudanças do jornalismo impresso para o jornalismo online.

Metodologicamente, a História Oral é um recurso usado para que uma fala, testemunho ou entrevista se deixe registrado, podendo ser ouvido em outros momentos. Esse método começou a ser utilizado nos anos de 1950, após a invenção do gravador, em países como Estados Unidos, Europa e México (FGV, 2017).

Então, difundiu-se e acabou servindo de ferramenta para vários grupos como historiadores, cientistas políticos e, claro, profissionais da comunicação, principalmente os jornalistas. Segundo Matos e Senna (2011), a História oral se fundamenta na memória

humana e também na capacidade de relembrar o passado, como algo testemunhal (MATOS; SENNA, 2011).

Podemos entender a memória como a presença do passado, como uma construção psíquica e intelectual de fragmentos representativos desse mesmo passado, nunca em sua totalidade, mas parciais em decorrência dos estímulos para a sua seleção. Não é somente a lembrança de um certo indivíduo, mas de um indivíduo inserido em um contexto familiar ou social, por exemplo, de tal forma que suas lembranças são permeadas por inferências coletivas, moralizantes ou não (MATOS; SENNA, 2011, p.96).

No Brasil, a metodologia da história oral se popularizou na década de 1990. Entretanto, ela chegou ao país muito antes disso, ainda nos anos de 1970 quando, de acordo com o documento da Fundação Getúlio Vargas (2017) foi criado o Programa de História Oral do CPDOC⁵. Várias são as áreas do saber histórico, mas a história oral é a que mais possui proximidade com o presente, pois, segundo Matos e Senna (2011) é o mecanismo que precisa da “memória viva” e de outros depoimentos já feitos antes (MATOS; SENNA, 2011). O mecanismo de entrevistas de História oral, são utilizadas como fontes para entender o passado. Elas sempre são acompanhadas de escritos, fotos e outros tipos de registros que contribuem para a compreensão de eventos passados (FGV, 2017).

Muitas são as perspectivas sobre a metodologia da história oral. Para Montenegro (2007), de um ponto de vista mais teórico, os depoimentos orais podem ser caracterizados como “parte dos recursos documentais a que o historiador pode recorrer, para ampliar o debate historiográfico e o recorte temático do seu objeto de estudo (MONTENEGRO, 2007).

Os relatos de História oral, mais especificamente os classificados como de memória individual, estão ancorados em modelos de rememorar o passado de uma população ou de certo grupo social em que o entrevistado possa estar enquadrado (MONTENEGRO, 2007). Ainda de acordo com Montenegro (2007), essa multiplicidade de fontes auxilia no trabalho do pesquisador.

Matos e Sena (2011) classificam as práticas e estilos de história oral em quatro modalidades: 1. O estilo do arquivo – documentalista. 2. O estilo do difusor populista. 3.

5 Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil (CPDOC).

Estilo Reducionista. 4. O estilo do analista completo. Essa classificação ressalta uma forma específica de praticar a história oral.

Sendo assim, foi privilegiada nesta pesquisa a técnica de História Oral, dentro dos parâmetros do estilo documentalista, para chegar ao objetivo de analisar, conforme as perspectivas dos personagens da história do jornalismo impresso no Maranhão, a maneira como tem caminhado a transição para as novas formas de fazer jornalismo, para além da delimitação da plataforma impressa, situada em um contexto de convergência e conexão.

Rotinas produtivas e o jornalismo online

O jornalismo é feito de critérios e métodos que auxiliam os profissionais e os orientam nas rotinas das redações e fora delas. O jornalismo se apresenta então como uma espécie de construtor da realidade a partir de seus princípios de referencialidade a que pressupõe a legitimação de fatos. Assim considerado, Pena (2005) complementa essa reflexão, a qual segundo o autor, está presente também no imaginário simbólico dos profissionais do jornalismo:

O jornalismo está longe de ser o espelho do real. É, antes, a construção social de uma suposta realidade. Dessa forma, é no trabalho da enunciação que os jornalistas produzem os discursos, que, submetidos a uma série de operações e pressões sociais, constituem o que o senso comum das redações chama de notícia (PENNA, 2005, p.128).

Dessa maneira, Pena (2005) afirma que o trabalho que cabe a imprensa não é o de refletir a realidade e sim de colaborar na construção dela (PENA, 2005). Neste sentido, Mauro Wolf (1987) mostra alguns critérios de noticiabilidades que comumente estão na base do fazer diário do jornalismo e corroboram para que se forje uma realidade a partir do consumo do que é midiaticado. São eles: critérios substantivos, critérios relativos ao produto, critérios relativos ao meio de comunicação, critérios relativos ao público e critérios relativos a concorrência.

É nesse aspecto que está inserida a teoria do *Newsmaking*. Essa teoria está intrinsecamente ligada a sociologia dos emissores e das empresas de comunicação. Segundo ela, as notícias são como são porque essa rotina produtiva vivida dentro das redações assim a determina, a partir do qual se impõe, inclusive, o *deadline* (tempo limite de entrega de matéria para sua publicação imediata). É possível enumerar vários

elementos que fazem com que esse processo possa ser específico em cada veículo, de acordo com os critérios de noticiabilidade⁶, valor/notícia e importância enumerados por Wolf (1987). Os valores notícias são um dos elementos dos critérios de noticiabilidade.

Por conta das rotinas redacionais, de acordo com Wolf (1987), a seleção das notícias é um processo de decisão e de escolha realizado rapidamente. Trazendo isso para o mundo do jornalismo online, esse processo precisa ser efetivamente rápido, em *modus* de atualização contínua. O *deadline*⁷ dentro da rotina produtiva na internet é, de fato, quase instantâneo em relação ao fato. Isso acontece porque dentro da web, com as ferramentas que nela há, os mecanismos de propagação ajudam na rapidez de compartilhamento e circulação e recirculação jornalística.

Segundo Mielniczuk (2003), o fazer jornalístico que é desenvolvido para a web não é um processo concluído, pois ele está sempre em constante mudança e experimentação, passando por transformações significativas (MIELNICZUK, 2003). Essas frequentes mudanças estão atreladas também as rotinas produtivas de produção jornalística que é vivenciada dentro das redações dos veículos de comunicação.

Ainda de acordo com Mielniczuk (2003), o webjornalismo pode ser organizado em três momentos ou gerações. A primeira geração foi quando o jornalismo e a internet começaram a se alinhar. Nesse primeiro momento, segundo Mielniczuk (2003), uma ou duas notícias que eram veiculadas nos jornais impressos eram jogadas também na página do veículo de comunicação, ainda com uma interface bem bruta. Os textos que eram publicados no site ou página, eram exatamente como estavam nas páginas impressas dos jornais. O que ocorria era apenas uma transposição. A atualização da página era feita com um intervalo de 24 horas (MIELNICZUK, 2003). Nesse momento, “a rotina de produção de notícias é totalmente atrelada ao modelo estabelecido nos jornais impressos” (MIELNICZUK, 2003).

Já na segunda geração, que acontece por volta do fim da década de 1990, há um aperfeiçoamento da estrutura técnica da internet no Brasil e, conseqüentemente, para a produção de notícias voltadas para a web. É nesse momento que “começam a ocorrer experiências no produto jornalístico, na tentativa de explorar as características oferecidas pela rede” (MIELNICZUK, 2003).

6 De acordo com Wolf (1987), noticiabilidade é um conjunto de elementos por meio de que os órgãos e setores de comunicação faz o controle e faz o gerenciamento da quantidade de informações. Posteriormente, por meio desses elementos e critérios, é feita a seleção do que será notícia (WOLF, 1987).

7 Prazo final de fechamento de uma edição de jornal ou conclusão de uma reportagem.

Ao mesmo tempo em que se ancoram no modelo do jornal impresso, as publicações para a web começam a explorar as potencialidades dos novos ambientes, tais como *links* com chamadas para notícias de fatos que acontecem no período entre as edições (MIELNICZUK, 2003, p.34).

É, também, nessa geração que o e-mail começa a servir de mediador entre o veículo de comunicação e sua audiência, ou seja, seu público receptor. É nesse momento que os sites começam a ganhar certa confiança. Ainda de acordo com Mielniczuk (2003), assim como a credibilidade estava associada ao jornalismo impresso, o webjornalismo ganha esse grau de importância e confiabilidade por meio do leitor.

Já na terceira geração, proposta por Mielniczuk (2003), é quando a internet começa a se popularizar no país, isso acontece logo no início dos anos 2000. É nesse momento que empresas voltadas exclusivamente para o webjornalismo começam a aparecer no Brasil. É nesse momento em que pode ser visto, de forma mais efetiva, todas aquelas tentativas da segunda geração de experimentar e apostar em produtos, serviços e conteúdos específicos para a web, mas tudo isso de forma muito simples e sutil.

Nesse estágio, entre outras possibilidades, os produtos jornalísticos apresentam recursos em multimídia, como sons e animações, que enriquecem a narrativa jornalística; oferecem recursos de interatividade como *chats* com a participação de personalidades públicas, enquetes, fóruns e discussões; disponibilizam opções para a configuração do produto de acordo com interesses pessoais de cada leitor/usuário; apresentam a utilização do hipertexto não apenas como um recurso de organização das informações da edição, mas também começam a empregá-lo na narrativa de fatos (MIELNICZUK, 2003, p. 36).

Esse é o momento, até agora, mas atual do webjornalismo. Mielniczuk (2003) categoriza e caracteriza essa terceira geração a partir de outros autores, entre eles, Bardoel e Deuze (2000). Sendo assim, as características são: multimedialidade/convergência, interatividade, hipertextualidade, personalização de conteúdo, memória e, por último, instantaneidade (MIELNICZUK, 2003)⁸. De acordo com Palacios (2002), essas seis características são reflexos das potencialidades que são oferecidas pela internet ao jornalismo que é desenvolvido para a web (PALACIOS, 2002). Entretanto, ainda segundo Palacios (2002), toda premissa que queira considerar a internet como opositora, como

⁸ Há pesquisas recentes que apontam para uma sétima característica da linguagem do jornalismo online: a ubiquidade (CANAVILHAS, 2014; FANTE, 2015).

uma forma de superação dos formatos mediáticos que a antecederam deve ser analisada de maneira teórica, tomando por base as Novas Tecnologias de Comunicação (NTC) (PALACIOS, 2002).

Com o crescimento da massa de informação disponível aos cidadãos, torna-se ainda mais crucial o papel desempenhado por profissionais que exercem funções de “filtragem e ordenamento” desse material, seja a nível jornalístico, acadêmico, lúdico etc. (PALACIOS, 2002, p.5).

A partir do estudo preliminar e exploratório do jornal O Estado do Maranhão, é possível entender que ele ainda se encontra na segunda geração do jornalismo, segundo as definições propostas por Mielniczuk (2003); uma vez que o site do jornal ainda está totalmente ligado e ancorado ao impresso. De maneira lenta, o Estado começa a explorar as novas potencialidades e ferramentas que essa plataforma disponibiliza, tais como links e hipertextos, mas ainda com fortes ações que remontam, inclusive, uma espécie de transposição ajustada.

Essa classificação como sendo ainda de segunda geração, se deve ainda pelo fato de O Estado ainda não ter conseguido extrapolar de maneira efetiva a ideia de uma “versão exclusiva para a web de um jornal impresso já existente” (MIELNICZUK, 2003). Ou seja, todo o conteúdo que sai na versão impressa é publicado na web, sem receber um diferencial significativo ou um trabalho que explore todas as ferramentas que a internet pode proporcionar.

Entretanto, ainda de maneira muito tímida, esse cenário começa a mudar. Programas em audiovisual começam a serem pensados para o site de O Estado, de maneira a ser um diferencial a ganhar e atrair a atenção do público que está cada vez mais imerso na web. Esses programas – a saber: Liga O Estado, Eleições e Bate-papo – estão em constante mudança, objetivando explorar ainda mais todos os recursos que a plataforma dispõe. Essa necessidade de ir até onde o leitor/usuário da rede estar veio da rotina produtiva reconfigurada no veículo a partir de uma perspectiva para aumentar o seu alcance.

Jornal O Estado do Maranhão: história e presente, impresso e online.

O Jornal O Estado do Maranhão, hoje popularmente conhecido apenas como O Estado, teve sua origem no ano de 1959, com os fundadores José Sarney e Bandeira Tribuzi. Segundo arquivos⁹ do jornal, motivados pela percepção dos atrasos que a imprensa sofria na época, Sarney e Tribuzi iniciaram o jornal com a perspectiva de produzir algo que fosse capaz de “defender ideais e difundir conhecimento”. Nas palavras do jornalista Márcio Henrique Sales, que trabalha no jornal O Estado há 17 anos, o diferencial do impresso é que ele faz parte de um grande grupo de mídia (Grupo Mirante) e isso o reposiciona sempre à frente da concorrência, em relação à credibilidade e tradicionalidade junto aos receptores:

Existe o grande aglomerado, que devido a condição financeira e política do Grupo Mirante foi possível ser criado. São espécies de concessões, como a TV, rádio e os portais online. O grupo conseguiu se estabelecer dessa forma, assim como existe em outros Estados, e até mesmo é como funciona na própria Rede Globo, que é um conglomerado ao qual nós somos parceiros. Eu, como trabalhei na TV Difusora, sei que eles tinham uma parceria, na época, com o jornal O Imparcial, porque não tinham a parte do impresso. Eles não tinham como investir, talvez, em um jornal impresso, pois ficaria complicado para eles. Apesar de que eles também tinham essa vontade de se tornar um grande grupo. (SALES, 2018, entrevista oral gravada).

A partir de fontes documentais do jornal, nota-se que o primeiro nome atribuído ao projeto foi “Jornal do Dia”, que permaneceu com esse título por 14 anos, antes de se tornar o jornal O Estado do Maranhão. As suas primeiras instalações localizavam-se na rua de Santana, no Centro da capital do Maranhão, onde era realizado todo o processo de materialização do jornal (EDIÇÃO DE JORNAL Nº 1, 1959).

Com composição a frio, sistema *singer*¹⁰ e impressora *goss*¹¹, começou a escala de produção do impresso que carregou em seu primeiro editorial o pensamento “Um jornal, uma universidade” (EDIÇÃO DE JORNAL Nº 1, 1959).

As primeiras situações de crise, que se tem registro¹², pelas quais o jornal atravessou, foram marcadas por compras de ações que foram necessárias para dar suporte ao veículo. Capitalizando, por exemplo, a empresa de Magalhães Pinto, Abreu Sodré,

9 Caderno especial para contar a história do Jornal O Estado do Maranhão, em comemoração aos 50 anos de fundação do jornal, comemorados no ano de 2009.

10 Sistema de impressão com tinta a jato.

11 Impressora que permite imprimir jornais e/ou outros produtos comerciais em altas tiragens.

12 Informação retirada do caderno especial de 50 anos do jornal O Estado, onde parte do histórico do veículo está registrada.

Roberto Campos, Edson de Queiróz e outros. Odylo Costa Filho e Pompeu de Souza também foram nomes que ofereceram ao jornal algum tipo de suporte que o estimulasse a prosseguir.

O mais antigo colaborador do jornal O Estado é José Chagas, que faleceu vítima de um Acidente Vascular Cerebral (AVC), em 13 de maio de 2014, aos 89 anos. Chagas foi um estimado cronista e jornalista brasileiro que permaneceu como colaborador de O Estado durante 54 anos e teve sua trajetória marcada, também, pelo envolvimento na política quando ocupou, por um mandato, o cargo de vereador da capital maranhense, cidade onde situa-se a sede do Jornal O Estado (EDIÇÃO DE JORNAL Nº 18.901, 2014).

Editora do caderno de cultura do jornal O Estado há 10 anos, Bruna Castelo Branco relembra o convívio com José Chagas e o doloroso processo de agravamento de sua doença:

O José Chagas era muito comprometido com o jornal. Ele era paraibano e não maranhense, mas os textos dele carregavam uma identidade muito forte de São Luís. Ele morou no bairro do Monte Castelo, próximo ao Centro da cidade, por um bom tempo e a maioria dos textos dele eram inspirados na visão que ele tinha de São Luís, principalmente dos casarões e dos telhados, que se tornaram até mesmo objetos de um livro escrito por ele. A última vez que eu o entrevistei, ele já não era mais colaborador do jornal, estava afastado porque já não conseguia mais se concentrar para escrever. Eu lembro que após morar no Monte Castelo ele se mudou para o bairro do Olho D'água e, na casa, havia um andar de cima onde ficava um escritório. Ele dizia que se conseguisse subir a escada para chegar até o escritório, já que as pessoas não o deixavam fazer isso por causa da idade, ele voltaria tranquilamente a escrever, pelo fato de conseguir ter novamente a visão de cima das ruas da cidade. Isso me marcou muito na entrevista, porque ele fez questão de me deixar subir lá para ver como era. Na época que fui à casa dele, vi que havia muitos textos inéditos de sua autoria que estavam impressos, mas não sei o que a família fez com os textos após a morte de Chagas. Enfrentar a morte dele foi doloroso! Eu, como editora, por mais que soubesse que tinha que parar de sentir aquela dor e fazer a matéria para homenageá-lo, tinha horas em que eu parava e não acreditava. Era um colega de trabalho meu que havia morrido, embora não estivesse mais diariamente na redação. No dia que ele faleceu, eu liguei para o poeta Ferreira Gullar para pegar um depoimento dele sobre o José Chagas, mas o Ferreira Gullar ainda não sabia da morte do colega. Eu liguei quase no fim da tarde e o Chagas havia falecido por volta das 12:30 daquele dia. Então, fui eu que dei a notícia e, naquele momento, Gullar ficou muito tempo mudo na outra linha do telefone, ficou em silêncio. Após um momento eu perguntei se ele ainda estava ouvindo e se tinha condições de falar sobre Chagas, e ele respondeu que precisava se recompor naquele momento e depois falaria alguma coisa. Muitos poetas e escritores brasileiros se mobilizaram e prestaram homenagens com a morte de José Chagas. Nauro Machado, por exemplo, veio aqui

e escreveu um texto bem bonito e afetivo que reconhecia Chagas como um grande escritor. É triste quando um poeta morre, pois morre com ele uma parte da história também. (BRANCO, 2018, entrevista oral gravada).

Além de José Chagas, Alberto Aboud, Benedito Porto e os colunistas Benito Neiva e Benedito Buzar, formam o grupo pioneiro de jornalistas a integrar a equipe do jornal. No dia 1º de maio de 1973, o jornal foi totalmente repaginado, passando por um processo de atualização e deixando de se chamar Jornal do Dia para começar um novo ciclo como O Estado do Maranhão. Nesse mesmo momento, a primeira grande reforma gráfica e editorial do jornal atravessava a época, incentivada pela introdução das máquinas rotativas *off-set* e um sistema de composição eletrônica. Antes disso, o processo de composição do jornal era praticamente de forma artesanal, com impressões feitas através de placas de chumbo quente, em que as páginas eram montadas vagarosamente. Benedito Buzar, colunista do Jornal do Dia, narra a época de transformações atravessadas no período em que o jornal passa a se chamar O Estado do Maranhão:

Eu fazia parte do Jornal do Dia, tendo ingressado no jornal no ano de 1968. Lá eu possuía uma coluna de assuntos gerais que se chamava Coluna Viva e lembro-me que comecei a escrevê-la com um pseudônimo. Eu fiquei no Jornal do Dia até algumas semanas anteriores à transformação de Jornal do Dia para O Estado do Maranhão. Quando houve de fato a mudança, eu já não estava mais no jornal, mas, apesar disso, pude acompanhar o processo. Essa transformação foi um acontecimento muito importante para os meios de comunicação daquela época. Em 1973, os jornais estavam saindo da fase de linotipo e entrando em uma tecnologia mais avançada até então, que eram as máquinas de *off-set*. Dessa forma, toda essa mudança que imperava naquele ano, representou algo muito importante para a imprensa do Maranhão, já que anteriormente ao processo, toda a construção do jornal era realizada de uma maneira artesanal, algo nada moderno. E foi nesta nova fase que o jornal atravessou, saindo da rua de Santana e mudando-se para o bairro do São Francisco, onde está estabelecido até os dias de hoje, que ele passou a ser consagrado com outra denominação, abandonando o título de Jornal do Dia. Esses acontecimentos foram desencadeados porque um grupo de políticos realizaram a compra do jornal, para que a oposição pudesse ter um porta voz, assim como aconteceu em 1965 com a eleição de José Sarney. (BUZAR, 2018, entrevista oral gravada)

Nas primeiras décadas de vida do jornal, não havia faculdade de jornalismo na cidade. Por isso, as redações eram locais de intensa aprendizagem no dia a dia e boa parte

dos repórteres que formavam a equipe eram admitidos por meio de seleções realizadas pelos profissionais que já integravam o grupo.

Antes de chegar à era da internet, o jornal passou por fases marcadas por telefoto, telex e policromia, até que outra transição foi feita na estrutura física da redação do jornal, abrindo mão das mesas que eram ocupadas por máquinas de datilografia para dar espaço às bancadas com computadores.

Ismael Araújo, repórter policial de O Estado, atua no grupo há quatro anos e, por estar adaptado ao formato do jornalismo impresso, conta que o processo de transformação do jornalismo impresso para o online caracterizou um aprendizado e mudança diários, com novos desafios e maneiras mais abrangentes que representam a atividade jornalística.

Eu trabalho no Jornal O Estado do Maranhão há quatro anos, mas exerço a profissão de repórter policial há mais de 10 anos. Quando eu entrei no impresso, foi justamente em um momento de mudança. O jornal estava se digitalizando ainda mais e entrando realmente para a plataforma online. Então nós, do impresso, tivemos que nos readaptar e tentar nos familiarizar para, além de já ter experiência na questão impressa, buscar ter experiência também na digital. Então encaramos esse desafio de trabalhar de forma simultânea: tanto para o impresso, como para a plataforma digital. Esse foi mais um meio para agregar informação e ofertar aos nossos leitores um meio a mais de comunicação, já que hoje o digital é praticamente como o rádio, onde o fato acontece e já está sendo divulgado. E o jornal impresso já trabalha para apurar com mais tempo e ir adicionando mais informação sobre o acontecimento. Então, além do jornalista ganhar com isso o leitor acaba ganhando ainda mais. Até hoje eu tento me familiarizar, eu passei a vida toda trabalhando para o impresso e hoje estou trabalhando para o impresso e, ainda, o online. Todo dia é um desafio, principalmente para o repórter de polícia, pois o repórter policial já possui na vida dele todo dia um desafio, porque não trabalha com pauta, tem que ir atrás da informação, da pauta e além do mais, de agregar informações a mais para aquele fato que aconteceu, porque o fato em si já foi noticiado tanto no rádio como nas diversas plataformas do meio digital. Então, tem que buscar sempre um conteúdo a mais, que consiga ir além daqueles que já foram noticiados. (ARAÚJO, 2018, entrevista oral gravada)

Na década de 80, criou-se o primeiro caderno do jornal dedicado à cultura maranhense, o caderno Alternativo. A arte e cultura são os alvos do caderno, que além de reportagens sobre shows, espetáculos teatrais, lançamentos de livros e eventos, possui o elemento Programe-se, uma agenda com opções de atividades de diversão e lazer para o leitor incluindo roteiros de cinema e outras colunas sociais. Bruna Castelo Branco é

editora do caderno Alternativo há 10 anos no jornal O Estado e relata como tem sido essa transição do impresso para o online:

A plataforma dele [jornal] ser online e interagir mais com os outros veículos faz com que a gente, que antigamente não ia à rádio falar do jornal, não tinha participação na TV e nem tanta interação online, começasse a fazer vídeos para a internet e se inserir mais nesse universo digital. O jornal já era do mesmo grupo Mirante de comunicação, a postura, a linha editorial era parecida, mas a questão da integração das plataformas, a gente começou em uma coisa meio que recente. De 2014 pra cá, começou a se desenhar essa nova realidade. Tanto o site mais dinâmico pro jornal, quanto experimentar novas plataformas como o jornal na rádio e principalmente uma participação mais efetiva do jornal na internet, que é uma realidade completamente diferente do impresso, que a gente era acostumado. Eu costumava chegar e elaborar a pauta pro outro dia. Claro que você pensava em uma coisa que não fosse ficar velha, mas era diferente, era uma outra realidade, era uma outra dinâmica de trabalho. Então, nessa dinâmica você vai tentando se adaptar e vai mudando algumas coisas. Com o tempo, percebemos que é só um costume mesmo, uma mudança de hábito da tua rotina de trabalho. A gente começou a participar mais da plataforma online porque nem tudo entra no impresso, e como o Alternativo trata-se também da agenda cultural, a ideia é que a gente possa ir atualizando o site com as informações ao longo do dia. Nem sempre dá porque a gente tem uma estrutura pequena de equipe e tudo mais, mas a gente tenta fazer essa adaptação. Agora, quanto a linguagem do Alternativo, antigamente era bem mais rebuscada. Eu quando olho os jornais antigos, percebo que era uma coisa mais elitizada, digamos assim. E com o tempo, o jornal foi se adaptando e ficando em uma linguagem mais jovem. Eu noto também que antigamente havia muita literatura envolvida. Os temas basicamente eram literatura, artes plásticas e às vezes música, mas nem tanto. A ideia é tentar pegar o máximo que a gente pode de todas essas coisas, de divulgar todas as formas e as expressões de arte. Nem sempre a gente consegue fazer como gostaria, mas a gente tenta. (BRANCO, 2018, entrevista oral gravada)

A literatura, fenômeno presente na vida do ser humano desde a antiguidade, é destacada pela Doutora em Ciência da Literatura, Laura de Silveira Paula (2012), como um elemento de vasta importância e significado para a formação do homem em sociedade. Ao falar da literatura desde o seu berço teórico no livro Teoria da Literatura, a autora caracteriza sua relação com o processo de criação textual que envolve profundamente o autor de um texto com a realidade que o cerca.

Trata-se da percepção, do sentido de observação e da análise/síntese elaborada pelo artista/autor. Além de tomarmos em conta a forma única, completamente individual, dessa condição de apreensão da(s) experiência(s), devemos considerar, também, a capacidade de

elaboração da linguagem que irá transmitir as emoções, as sensações, as condições (contexto) em que os acontecimentos evoluíram, a sequência lógica, para que o desenrolar dos fatos mantenha a verossimilhança e, ainda, o papel dessa sequência lógica e da habilidade do narrador. (PAULA, 2012, p. 19)

Levando em consideração a relação da literatura com o jornalismo opinativo, presente de forma tangencial nos formatos de entretenimentos do jornal O Estado, nota-se que há diferenças na construção de notícias entre os antigos jornalistas e escritores do caderno Alternativo e os atuais redatores e editores do veículo. Diferença essa que é imprimida através da elaboração da linguagem e influência da subjetividade de cada colaborador, de acordo com sua competência metagenérica e modo de enxergar, analisar e refletir na escrita os significados e interpretações da realidade e cotidiano que cerca cada indivíduo. A profissional de comunicação do O Estado Bruna Castelo, volta a enfatizar:

Quanto a parte de crítica de artes, a gente não tem. Na minha opinião pessoal, eu acho muito complicado o repórter ou o editor assumir também o papel do crítico. Eu poderia fazer isso? Poderia. Mas em uma cidade como São Luís ainda é muito complicado. Tudo é ainda muito provinciano. Se seu criticar determinada produção, as pessoas não poderão entender como um toque para melhorar e poderão ficar chateadas. Eu já passei por isso. Quando eu entrei no jornal, no caderno Alternativo, eu escrevi algumas críticas de shows e eu adorava fazer isso, mas teve uma situação específica em que a produtora de um show que teve muitas falhas de produção, e eu citei algumas no meu texto, ficou com muita raiva. Então eu dei uma retraída depois disso, mas a minha ideia é que a gente possa voltar a praticar isso e ter essa participação mais crítica, colaborando com um jornalismo mais opinativo. Não dentro das matérias, mas dentro de um espaço específico de críticas. Antigamente, tínhamos no Alternativo uma coluna chamada 'hoje é dia de: ', que era com pessoas da Academia Maranhense de Letras. Cada dia tinha uma pessoa que escrevia. Todo dia, de terça à domingo, tinha uma pessoa: quarta era João Moraes, quinta era Itapari, sexta era Ubiratan Teixeira e sábado Weverton Neves. Mas, foram cansando também. Você percebe que aquele espaço ali já não estava mais funcionando como deveria funcionar, então foi extinto. Claro que eles ainda estão vivos, então tem espaço se quiser escrever, mas não tem mais esse espaço fixo, porque eles sentiam uma obrigação, e escrever um texto e/ou opinião por obrigação acaba é complicado sim. (BRANCO, 2018, entrevista oral gravada)

Seguindo na linha histórica do jornal ora estudado, na década de 90, os profissionais enxergaram a necessidade de possuir reportagens publicadas em espaços fixos, conhecidos como editorias. Foi dado, então, um passo importante para prender com

mais eficácia a atenção do público leitor, criando a segmentação em editorias como política, economia, cidade e esporte.

Nas páginas diárias dedicadas a política, eram publicadas reportagens investigativas, com teor informativo sobre os fatos que aconteceram no Estado do Maranhão, estendendo-se também aos acontecimentos nacionais. Já as páginas de economia integravam reportagens sobre índices de negócios e finanças no Estado, país e no mundo.

Também havia espaço para a editoria de cidade, que é formada por repórteres que passam o dia inteiro em busca dos últimos acontecimentos da Grande São Luís¹³. Reclamações de moradores, denúncias, datas e celebrações ganharam espaço nesse segmento.

A editoria de esportes trazia fatos sobre o universo das competições do futebol, vôlei, basquete e outra série de modalidades. Com informações, também, dos bastidores da vida dos atletas, técnicos e dirigentes dos times. Boa parte da formatação do impresso em editorias permanece até hoje.

Em 1995, O Estado tornou-se o primeiro impresso do Maranhão a adotar uma versão online, com matérias veiculadas e complementadas na internet com o aproveitamento dos recursos que a web oferece. O endereço eletrônico do jornal foi introduzido dentro da plataforma do Portal Imirante¹⁴, que já fazia parte do mesmo sistema empresarial de comunicação, o Grupo Mirante.

Maria Fernanda Sarney, neta de um dos fundadores do Jornal O Estado e atual gerente de conteúdo do Portal Imirante e O Estado online, explica o fator que levou à decisão de unir os dois veículos no âmbito digital:

Surgiu a necessidade de juntar as redações desses dois veículos. Como nós tínhamos uma redação de um dos principais jornais do Estado e, ainda, outra redação do maior Portal de notícias do Maranhão, pensamos em unir as forças e ao mesmo tempo fortalecer os dois veículos. O jornal, naquele momento, precisava de um reforço na área digital e o Imirante poderia somar com ele nessa parte. Enquanto havia também uma certa carência no Imirante na editoria de política, que o jornal poderia ajudar a suprir. (SARNEY, 2018, entrevista oral gravada)

13 A região metropolitana de São Luís envolve, também, os municípios de Raposa, Paço do Lumiar e São José de Ribamar.

14 <http://imirante.com/oestadoma/>

Atualmente, as matérias veiculadas no impresso, encontram-se disponíveis também no site do jornal, que dispõe, além disso, de outros conteúdos exclusivos para a web, como reportagens em vídeo e exibição de programas independentes semanais. Os leitores do impresso têm acesso aos materiais online através da ferramenta QR Code, que permite direcionar os leitores às páginas online com códigos disponibilizados no jornal impresso.

Considerações finais

História Oral e jornalismo online sob a perspectiva do O Estado: a prática do jornalismo impresso, de frente à uma era de convergência que atinge e influencia veículos através da necessidade de expandir seu conteúdo para novos meios e plataformas de informação caracteriza desafios que ultrapassam a barreira profissional dos jornalistas e, por vezes, exigem superações pessoais para a continuidade do fazer jornalístico.

Desse modo, é possível entender a história da transformação do jornalismo impresso para online, tomando como estudo o jornal O Estado do Maranhão. Sendo assim, foi possível compreender de que modo o jornalismo feito no periódico (a partir das percepções das próprias rotinas produtivas dos profissionais de mídia), como ele se adaptou e tem se adaptado a uma nova realidade e que está também muda o tempo todo, que é a da web; além dos principais desafios, com relação a recursos materiais e humanos.

Com todas essas camadas de transformações já citadas, o jornal O Estado do Maranhão, caminha para a terceira geração do jornalismo, mas ainda em passos lentos. Cada experimentação de utilização de novas ferramentas auxilia o veículo - e os jornalistas que o fazem – a tomar propriedade de uma realidade que precisa e urgência ser vivenciada pelo periódico, afim de que ele possa estar próximo ao seu público através de novas características e linguagens que o meio online impõe ao fazer instantâneo do jornalismo.

Referências

DUARTE, Jorge; BARROS, Antônio (Orgs). **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. São Paulo: Atlas, 2006.

FGV. **O que é história oral**. Rio de Janeiro: CPDOC | FGV – Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil, 2017. Disponível em: <<http://cpdoc.fgv.br/acervo/historiaoral>> Acesso em 12 de maio de 2018.

KELLNER, Douglas. **A Cultura da Mídia**. Bauru, SP: EDUSC, 2002

MATOS, Júlia Silveira; SENA, Adriana Kivanski de. **História Oral como Fonte: problemas e métodos**. Porto Alegre, RS: Historiae, 2011.

MONTENEGRO, Antonio T. **Combates pela história: história e memória**. História Oral, v. 10, n. 1, p. 27-42, jan.-jun. 2007, pp 27-42.

PENA, Felipe; **Teoria do Jornalismo**. 2. Ed, 2ª reimpressão – São Paulo: Contexto, 2005.

WOLF, Mauro; **Teorias da comunicação**. Lisboa: Presença, 2003.

MIELNICZUK, Luciana; **Jornalismo na Web: Uma Contribuição Para o Estudo do Formato da Notícia na Escrita Hipertextual**. Universidade Federal da Bahia. Salvador, BA, 2003.

PALÁCIOS, Marcos; **Jornalismo Online, informação e Memória: apontamentos para debate**. Salvador, BA, 2002.

Um Jornal, Uma Universidade. Jornal do Dia, São Luís, 1º mai. 1959. Nº 1, p. 1.

Morre o poeta e cronista José Chagas. O Estado do Maranhão, São Luís, 14 mai. 2014. Especial, Nº 18.901, p. 4.